

Exmas. Autoridades

Exma Coordenação Científica

Ilustres Prelectores

Senhoras e Senhores Congressistas

Exmos. Convidados

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Cumpre-me, desde já, a todos saudar e agradecer o convite para partilhar convosco este momento de Abertura destas I.^{as} Jornadas das Ciências do Porto Santo.

Aproveito o ensejo para uma breve reflexão sobre o contexto e a temática que rodeia estas Jornadas.

Em primeiro lugar devo relevar o papel promotor que a Escola BS do Porto Santo, através das professoras Sónia Cortesão e Rosalina Gomes que tiveram o sonho e a iniciativa, fazendo-a concretizar. Na verdade, a missão que a escola moderna, seja básica, secundária ou superior tem, no mundo actual, é norteada por uma interacção com a

sociedade, abrindo a suas portas, partilhando o seu conhecimento e, ao mesmo tempo, num louvável acto de humildade científica e técnica, chamando à reflexão técnicos e especialistas que, estando fora do contexto escolar, aqui trazem o seu conhecimento e a sua experiência.

De forma particular, saúdo a forma e a abertura com que a Universidade da Madeira tem sabido abrir as suas portas e partilhar a sua condição de vanguarda do conhecimento, bem como as entidades com vocação empresarial privada ou pública se disponibilizaram para aqui estar e, ainda, a colaboração da CMPS cujo presidente cumprimento e ao qual agradeço a colaboração.

O século XXI marcou o dealbar de um novo paradigma – o século do saber e do conhecimento – armas estratégicas para o desenvolvimento, para o emprego, para o bem-estar, para a gestão dos recursos finitos do nosso Planeta, para o ambiente, para a sustentabilidade, para o lançamento e

consolidação dos procedimentos individuais e colectivos conducentes a que o bem-estar de hoje não signifique o mal-estar dos nossos descendentes, antes garanta a sua qualidade de vida.

O Conselho da Europa, há relativamente pouco tempo, definiu os princípios de uma estratégia de aprendizagem ao longo da vida, e estabeleceu oito metas que o cidadão europeu do presente e do futuro deverá garantir. Entre estas estão as Competências Matemáticas, em Ciência e em Tecnologias – a par da língua materna, da língua estrangeira e da sensibilidade cultural e artística, entre outras – não apenas no contexto escolar e académico, mas para assumir e aprender sempre e por todos.

Talvez nunca um “Ano Internacional” tenha sido rodeado de tanto entusiasmo colectivo como o Ano Internacional da Astronomia. Por um lado, está a geração que viveu e vibrou com os feitos (e as catástrofes) da conquista do espaço, com toda a

magia, mistério e esperança de quem voou com a Laika (1957), de quem viu a Terra pelos olhos de Yuri Gagarin (1961), de quem colocou o pé na Lua com Armstrong (1969), de quem sentiu a dor e a ansiedade da Apollo XIII (1971), de quem morreu um pouco com as tragédias do Challenger (1986) e do Columbia (2003), e que agora revive este olhar para o céu, com nostalgia, é certo, mas com um renovado interesse e vigor. Do outro, está a geração a quem convidamos para olhar o céu.

Perderam-se no tempo e no léxico as expressões de “estar a olhar para as estrelas” ou “com a cabeça na Lua”. Até, o simples e romântico “amor, olha a Lua!” que tantas conquistas nos proporcionou e tantos amores fez despertar, se perdeu!

Num mundo poluído, hiper-iluminado, o céu perdeu o brilho e as estrelas até assustam os habitantes das grandes metrópoles, quando ocasionalmente ocorrem os *blackouts*.

Já ninguém se deita nas ervas de um acampamento, depois de apagada a fogueira, tentando descortinar o mapa das constelações, recuperando o olhar dos nossos antepassados, até daqueles que buscando a Estrela Polar ou o Cruzeiro do Sul, deram novos mundos ao mundo.

É disso que se trata, é essa recuperação de hábitos que se procura quando, no Ano da Astronomia se convida a população a olhar o céu.

Há pouco dias, no Funchal, o cortejo da festa da Flor foi buscar a viagem de “O Príncipezinho” pelos asteróides, como tema.

Na próxima semana a festa do Desporto Escolar vai convidar-nos a olhar o céu e a Terra.

A Terra que afinal, é também uma parte, única, nossa e dos nossos descendentes, desse imenso universo que se celebra, com um lado romântico e um lado científico.

Termino, desejando o êxito da iniciativa, e a sua continuidade, que fica implícita quando as presentes Jornadas foram baptizadas de 1^{as}, já que o saber, o conhecimento e a ciência também são armas de combate da sazonalidade.

Deixou-os com as palavras de Rómulo de Carvalho “aka” António Gedeão, em “Máquina de Fogo”:

O Universo é feito essencialmente de coisa nenhuma.

Intervalos, distâncias, buracos, porosidade etérea.

Espaço vazio, em suma.

O resto, é a matéria.

Daí, que este arrepio,

este chamá-lo e tê-lo, erguê-lo e defrontá-lo,

esta fresta de nada aberta no vazio,

deve ser um intervalo. "

Francisco Fernandes